

Estação Antártica Comandante Ferraz

Brasil na vanguarda científica



As espessas camadas de gelo e neve que recobrem a Antártica preservam a história do planeta. O Continente Branco configura-se como um arquivo natural que contém informações sobre as mudanças climáticas, biológicas, marinhas e geológicas que ocorrem ao longo de milhares de anos. Com temperaturas extremamente baixas e condições climáticas únicas, a região oferece um ambiente ideal para estudos científicos de diversas áreas do conhecimento.

Naquela área polar, a Marinha do Brasil mantém a Estação Antártica Comandante Ferraz (EACF), que completou 40 anos em 6 de fevereiro de 2024. Localizada na Ilha Rei George, Baía do Almirantado, a EACF reúne militares e pesquisadores que se dedicam em decifrar os enigmas do ecossistema antártico, em busca de descobertas científicas que só podem ser feitas na região.

Atualmente, a Estação dá suporte a quinze projetos de pesquisa da 42ª Operação Antártica (OPERANTAR XLII), organizada pelo Programa Antártico Brasileiro (PROANTAR). Entre estudiosos da biologia, oceanografia, medicina e outros campos, a estação brasileira recebeu 63 pesquisadores no último verão antártico.

Segundo o Chefe do Grupo-Base da EACF, Capitão de Fragata Wagner Oliveira Machado, a base é essencial para pesquisa científica brasileira. “Ao longo dos 40 anos, os trabalhos realizados na EACF se consolidaram em pesquisas permitindo a prática científica de forma colaborativa e participativa, tanto nacional como internacionalmente.”

A manutenção de instalações de ponta no extremo sul do planeta é um fator indispensável para a continuidade da produção científica nacional. O Brasil vem sendo uma referência na publicação em artigos científicos sobre a região e esse protagonismo é fundamental para que o nosso status de Membro Consultivo no Sistema do Tratado Antártico seja mantido.

EACF contribuindo para o progresso científico

Um dos trabalhos que utilizam a EACF como base principal de pesquisas é o Projeto Mephysto, que investiga a distribuição de organismos na Confluência Brasil-Malvinas, além do fluxo de plásticos através da Passagem de Drake, entre o Oceano Pacífico e o Atlântico. Os cientistas do programa também buscam entender como acontece a transmissão de água e poluição entre a Baía do Almirantado e o Estreito de Bransfield.

“A existência da Estação Antártica é fundamental para que nós consigamos ter apoio para a coleta e análise das nossas amostras. Então, ela funciona como um porto seguro para realização dos estudos. Com as instalações avançadas, ela garante a execução dos trabalhos *in loco*”, destacou Moacyr Araújo, Coordenador do Projeto Mephysto e Vice-Reitor da Universidade Federal de Pernambuco.



Pesquisadores realizando suas atividades em laboratório da Estação